

5. Caminhar em direção ao abraço do Pai

Para ilustrar de forma mais simples o que produz em nós o mistério do batismo, gosto de me referir a uma obra de arte que me parece exprimi-lo de modo simbólico. Trata-se do quadro “Primeiros Passos” de Vincent van Gogh, que interpreta em seu estilo uma pintura de Millet. Nele, uma criança de aproximadamente um ano, ainda sustentada de pé pela mãe, estende com alegria os braços em direção ao pai, que a espera a alguns metros de distância, sorrindo com os braços abertos.



Eis que a nossa vida cristã está toda ilustrada por esse quadro, ao qual voltarei porque, para mim, ele ilustra a essência do que significa viver na esperança. Mas, por enquanto, me limito a olhá-lo como imagem simbólica da vida nova na qual o batismo nos insere. O batismo é como sermos colocados de pé pela mãe Igreja para iniciarmos a caminhar em direção ao abraço do Pai, que nos atrai para si e nos espera com alegria. Durante a vida, nós vemos o Pai encontrando Cristo. É em Cristo, presente na sua Igreja, e mostrado a nós pela Igreja, que vemos que o Pai nos espera, nos convida a caminhar em sua direção, porque ele nos quer consigo na vida eterna. A Igreja nos sustenta, não para nos deter, mas para que aprendamos a caminhar e também a correr em direção ao Pai. O bebê do quadro de van Gogh é como Adão, que o Ressuscitado foi ressuscitar dos infernos, nos quais jazia prisioneiro e paralisado. Cristo o toma pela mão, levanta-o e o conduz ao Pai. Toda a humanidade é colocada de pé pelo Ressuscitado para caminhar em uma vida nova, toda ela se estendendo ao abraço de Deus, de quem agora sabemos que somos amados a ponto de sacrificar por nós o seu Filho unigênito.

O batismo se torna consciente em nós da mesma forma que uma criança percebe que o pai está diante dela e a chama e convida a caminhar em sua direção prometendo-lhe o seu abraço cheio de amor. A mãe, ou seja, a Igreja, ajuda o bebê a ficar de pé e certamente lhe fala do pai, convida a criança a olhar em direção ao pai e a ir confiante até ele.

A Igreja, a comunidade cristã em que vivemos, é ela mesma se faz isso, se nos impele ao Pai que nos atrai. E o faz anunciando-nos Cristo “caminho, verdade e vida” da nossa vida, sem o qual ninguém pode ir ao Pai (cf. Jo 14, 6), e vendo-o, vemos o Pai que nos ama (cf. Jo 14, 9), o Pai que abre para nós os braços do seu coração para nos acolher. Alguns Padres da Igreja afirmaram que o Filho e o Espírito Santo são como os dois braços que o Pai nos estende para nos acolher em Si mesmo.

Os primeiros passos que aquele bebê dá para ir em direção ao pai são o símbolo dos passos que damos durante toda a nossa vida para ir em direção a Deus. Ao dar aqueles poucos passos que lhe permitem ir ao abraço de seu pai, essa criança inicia o caminho de toda a sua vida, que talvez durará 80 ou 90 anos. Analogamente, todo o caminho da nossa vida terrena, seja ela longa ou curta, representa nossos primeiros passos de uma vida que não se limita àquela terrena. A vida terrena são nossos primeiros passos da vida eterna, porque são passos nos quais a Igreja nos ensina a ir em direção ao Pai. Se, de uma forma ou de outra, nossa vida não estiver tensionada para alcançar o abraço de Deus, na verdade não caminhamos, não progredimos no caminho para o qual a vida nos é dada. Jesus veio para nos estimular a ir em direção ao Pai, mantendo-se à nossa frente, perto de nós, de modo que escutemos a sua voz e vejamos o seu rosto e os seus braços, como a criança do quadro vê e ouve o pai.

Perceber que a vida é assim muda tudo. Sobretudo, perceber isso, ou seja, acolher o Evangelho de Cristo que nos anuncia o Pai e nos chama a segui-lo até Ele, enche de sentido e beleza cada passo da vida, mesmo aqueles fatigantes, mesmo aqueles que atravessam os vales escuros ou os desertos. O caminho da vida, o caminho da nossa vocação, torna-se alegre, cheio de confiança, porque o percorremos atraídos pelo rosto bondoso do Pai que, em Cristo, nos diz: “Venha! Venham até mim! Venha para casa! Estou esperando por você! Você pode caminhar!”

Essa confiança, essa alegria no caminho, é a esperança. Não tanto a esperança de conseguir caminhar, de conseguir atravessar ou escalar uma trilha cheia de obstáculos, mas a esperança segura de poder caminhar, avançar, porque estamos indo em direção ao Senhor, em direção ao abraço de Deus que dá sentido e eternidade à nossa vida.

Essa esperança é indispensável para viver qualquer vocação. É indispensável para viver a vida humana como tal, e vivê-la com verdade, ou seja, respeitando o porquê e o fim para o qual ela nos foi dada. E é absolutamente indispensável para viver uma vocação, a vocação da nossa vida, de qualquer natureza que seja, seja uma vocação leiga, no mundo, na família ou na virgindade.

É muito comum vermos que os jovens não perseveram na sua vocação, que renunciam após os primeiros passos. Talvez porque pensem que devem ter a força e a capacidade para percorrer um longo caminho. Em vez disso, mesmo que tivessem a força e a capacidade, não seria isso que os tornaria fiéis até o fim. É a esperança que falta, é da esperança que precisamos. Para viver até o fim uma vocação, uma missão de vida, precisamos nos lançar no caminho com os olhos e o coração fitos no Pai que nos chama, que nos atrai e quer nos abraçar.